

# Cenas de um filme de Chaplin

O olhar triste da florista que veio de Samambaia para ganhar a vida na Rodoviária do Plano Piloto lembra uma lírica cena de um filme de Charles Chaplin.

Mas ela é apenas uma personagem perdida na multidão que, de repente, floresce entre as 450 mil pessoas que passam diariamente pelo local. Um balão colorido de flores a diferencia. É sua carteira de identidade.

Maria Júlia dos Anjos, 30 anos, pernambucana, anda às vezes cinco e até seis horas seguidas para vender em média 11 flores de papel parafinado por dia.

Ela só trabalha andando. Não pode parar. Só assim consegue escapar dos fiscais da administração da rodoviária, que preferem apreender sua mercadoria a enfrentar a chamada *máfia do vale-transporte*.

**Pressa** — “Ah! Não existe mais romantismo como antigamente”, queixa-se Maria. Também pudera. A pressa é tanta que a maioria das pessoas que circula pela rodoviária leva apenas dois minutos para sair do ônibus e chegar à calçada que dá acesso aos setores comerciais.

Cercada de palácios por todos os lados — a Praça dos Três Poderes à frente, a do Buriti atrás, de um lado o Conjunto Nacional e do outro o Teatro Nacional —, a rodoviária é uma espécie de palácio do povo, onde todos são iguais num ambiente encardido.

Seus números são impressionantes. Cerca de 75 mil pastéis são devorados por dia com milhares de litros de caldo-de-cana. São cerca de 50 lojas que movimentam milhões de reais diariamente.

O poeta Cassiano Nunes, professor de Literatura aposentado da Universidade de Brasília (UnB), passa duas vezes por dia pela Rodoviária do Plano Piloto.

**Mapa** — Na sua opinião, ela tem um significado especial na história de Brasília por ser “o ponto crítico do mapa entre a majestática alva arquitetura de Niemeyer e a massa canhestra e monstrengosa.”

É ele quem resume seu papel na moderna história da capital: “A rodoviária é a contradição trágica do Brasil moderno, uma sucursal deslocada da feira de Caruaru.”

De tanto observar a massa anônima, quieta e cinzenta que sobe e desce as escadas rolantes, Cassiano escreveu o poema *A hora selvagem*:

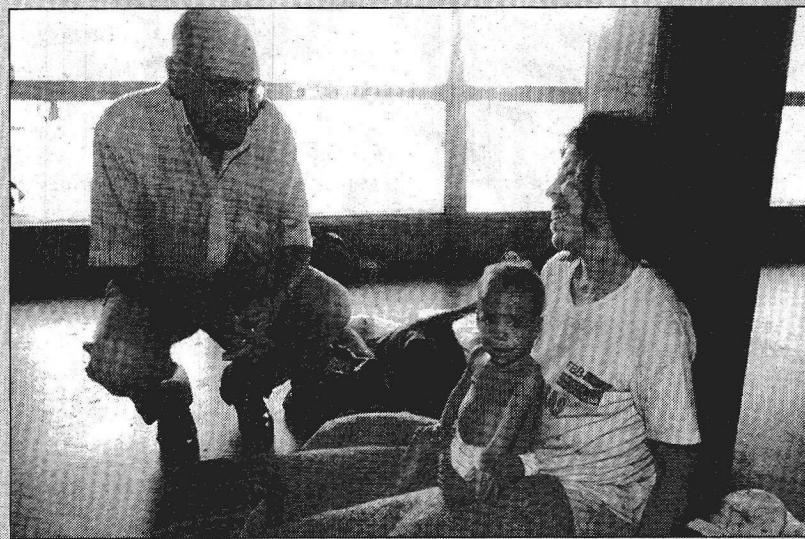
“Era um subir e descer de escadas/ Sem nenhum aspecto soberano/ Pelo contrário: o pó e o suor/ degradavam o show do desengano/ O silencioso sofrimento/ Não era revelado por seus passos/ E nenhum dos transeuntes percebia/ A extrema solidão daqueles braços.”

**Bom negócio** — A rodoviária transformou-se numa espécie de mercado persa do Planalto Central. “Dois por um. Quatro por dois. Moça bonita não paga mas

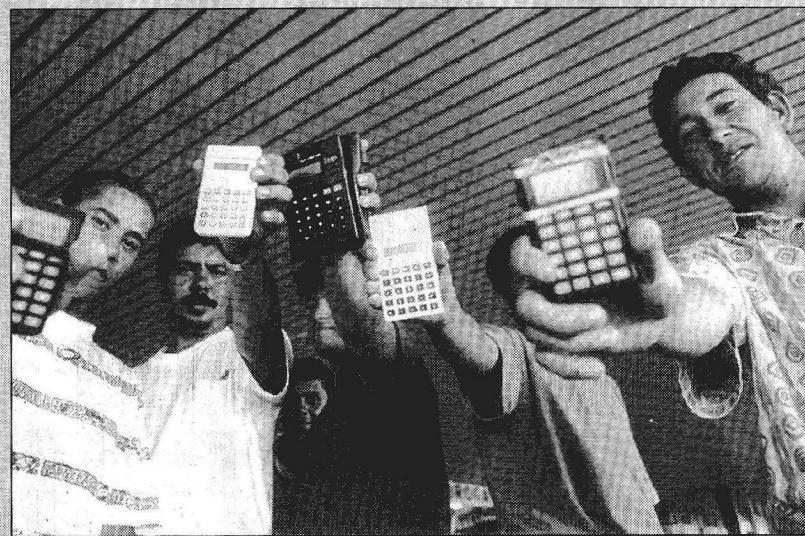
Fotos: Eraldo Peres



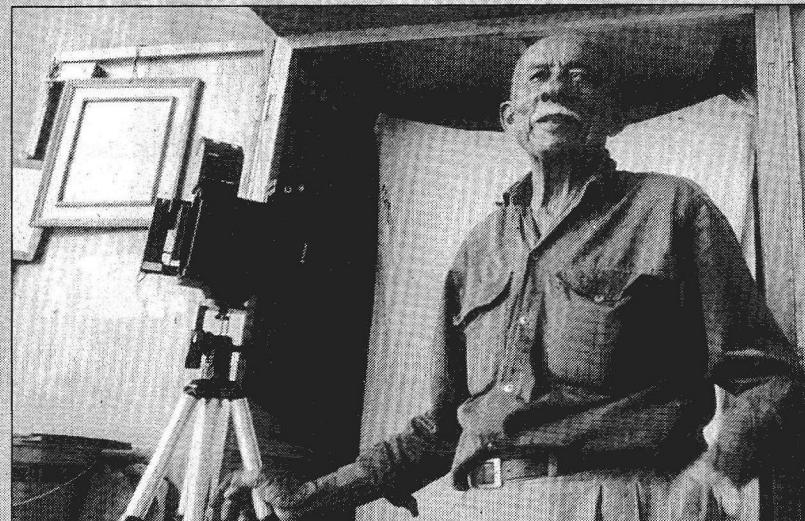
*Maria Júlia anda seis horas para vender uma média de 11 flores por dia*



*Observador atento, Nunes define o local como sucursal da feira de Caruaru*



*Com calculadora na mão, compradores de vale-transporte faturam nas filas*



*Há 20 anos o lambe-lambe João Sobreira fotografa 3x4 em apenas um minuto*

também não leva”, dizem vozes soltas na multidão.

Os pregões dos camelôs oferecem e vendem praticamente de tudo: frutas e rádios coreanos, cadernos escolares e barbeadores descartáveis, bolsas, desentupidores automáticos e artigos importados do Paraguai.

Mas é a compra e a venda de vales-transporte que impulsiona o comércio miúdo local. São quase 300 homens oferecendo vales nas bocas das filas de ônibus, pelos chamados becos Serra Pelada e Pingo de Ouro.

“Já prendemos até empresários comprando vales aqui para seus empregados”, conta o fiscal Arnaldo Santos.

**Prazo** — “Muitas empresas perdem o prazo do dia 15 para comprar vales no Banco Regional de Brasília e nos procuram”, rebate o vendedor Edilson que, desempregado, faz ponto diariamente no térreo da Rodoviária.

Todos trabalham com máquina de calcular nas mãos. O vale para as cidades-satélites, por exemplo, custa R\$ 0,80 no mercado. Na rodoviária, porém, o passageiro pode comprá-lo por R\$ 0,70, porque ele chega às mãos dos revendedores por R\$ 0,60 e às vezes por R\$ 0,50.

“Compramos os vales de funcionários públicos que possuem carros próprios. Para esse pessoal, qualquer preço é válido”, explica o vendedor.

O engraxate e dublê de artista pornô Mayconn, que de dia lustra sapatos e à noite faz bicos em cenas de sexo explícito no Cine Ritz, no Conic, diz que ama a rodoviária.

**Indecências** — “Trabalho aqui há cinco anos. Isso é minha vida, meu ganha-pão, minha fonte de renda. Vejo muitas coisas, mas me calo. Não brinco com indecências”, diz Mayconn.

Outro observador dos movimentos do terminal é o fotógrafo lambe-lambe João Sobreira Lima, que há 20 anos faz 3x4 em apenas um minuto.

“Infelizmente, na ditadura a rodoviária era mais bem tratada do que na atual democracia. Isso aqui está ruim demais. Tem quadrilha de meninos, prostitutas, batedores de carteira, mendigos. Enfim, o que há de mais podre na sociedade brasiliense”, acredita

Ele tem esperança de que o local seja reformado pelo governador Cristovam Buarque. O mesmo diz o motorista Milton Cândido dos Santos, que há nove anos trabalha na Viação Planeta dirigindo um ônibus da linha Rodoviária-P Norte.

“Ganho R\$ 348,00 e tenho cinco filhos. Minha diversão são os passageiros”, confessa Milton. (L.T.)